

---

## SUJEITOS E SUJEITOS: PESSOA EM QUESTÃO

José Luiz Foureaux de Souza Júnior  
UFSM

A máscara é o não-ser, o Nada. A passagem do  
Ser à máscara, e a volta da máscara ao Ser seria um devir.  
Mas a passagem da máscara à máscara  
é a perpetuação do Nada, a infinitização da alteridade.  
Leyla Perrone-Moysés

Sempre que começo a pensar em poesia, uma sensação de desorientação me acomete. No caso específico de Fernando Pessoa essa sensação se faz mais intensa, uma vez que diante dele qualquer leitor se sente, no mínimo, fascinado e a fascinação é um estado ambíguo. Ambíguo porque coloca o sujeito em confronto consigo mesmo, enquanto objeto de desejo de um outro. O sujeito poético, então, é, por excelência, fascinante porque se torna um não-sujeito - aquele que ao escrever (e apenas aí) se rasura, exibindo-se e suprimindo-se, simultaneamente, na escrita. Ele se esvazia como tal e deixa registrado apenas o relato da experiência do sujeito que se procura a si mesmo na prática poética, o que pode ser genérico. E essa "generalidade" é um dos caminhos que levam à fascinação.

Em nossa sociedade, a contemplação da obra literária, enquanto "uma" obra em si mesma, realizada para fora do próprio sujeito, é mais valorizada do que a contemplação do conjunto de elementos, traços e particularidades que compõem a possibilidade de ler a obra. Separar-se,

individualizar-se, ser diferente ou original, afirmar a própria identidade, é tido como mais necessário do que se fundir ao grupo de iguais, de próximos. A leitura de uma obra literária e, mais particularmente, de uma obra de poesia, propicia esse desvio para o "si mesmo". É desnecessária e cada vez mais urgente, ao que parece, essa separação, esse distanciamento. É por isso que se escreve, se fala: para ser escutado por seus distintos semelhantes, para ouvir uma ressonância, o eco. Aqui cabe uma primeira pergunta: é possível ser totalmente diferente do outro? Não seria nossa singularidade apenas a soma das personagens que somos para os outros? Existiria uma representação de mim que não seja formada a partir do outro? O "eu" que fala e escreve, que lê e critica, que se exhibe e se oculta, dependendo da circunstância e da necessidade, não é apenas o saldo interno das relações com os objetos e sujeitos externos, em relação mim mesmo? No fundo e no fim, alimentamos sempre a necessidade de uma réplica ainda que ela nos importune, nos derrote e nos conforme, construindo um caleidoscópio de indecisões. Essa situação é a prova cabal da presença de um outro em nós mesmos, nesse outro estranho e particular que é o texto de Fernando Pessoa. Considero pertinente, então, chamar a atenção para alguns versos do *Poema em linha reta*, uma vez que não estou me considerando o único - nos limites desse colóquio, que pensa algo parecido:

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.  
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.  
(...)  
Toda a gente que eu conheço e que fala comigo  
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,  
Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...  
(...)  
Não, São todos o Ideal, se os oiço e me falam.  
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?

Esse poema me faz pensar na presunção que nos assalta quando nos deparamos com a poesia: presunção de dar vazão a convicções quando, na verdade, nos fragmentamos em dúvidas que o texto potencializa. Essa é a missão mais difícil: admitir que não se sabe nada,

---

porque é esse "nada" que resta quando abordamos a aparente totalidade do texto poético.

Muitas são as possibilidades teóricas de se abordar um texto poético, muitas são as direções possíveis para o encaminhamento de um discurso crítico. Da mesma maneira, inúmeros são os elementos da biografia de um poeta que podem operacionalizar a leitura de sua poesia, ainda que essa faceta do trabalho crítico seja, amiúde, colocado num certo patamar inferior. Digo isso porque acredito que a biografia e, até, a autobiografia são elementos que entram em correspondência, quase à maneira de Baudelaire, tanto na criação do texto poético, quanto na sua leitura. Nesse sentido, são iluminadoras as palavras de Wander Melo Miranda, quando fala da fragmentariedade que perpassa a relação acima referida. Assim diz ele:

Trata-se, em virtude do caráter fragmentário e da presença de elementos heterogêneos (...), de tornar individual uma verdade que é de muitos, mediante um processo de unificação que passa pelo corpo e nele se concretiza (...).

Assim, por intermédio das leituras escolhidas e da escrita assimilativa, o indivíduo pode formar uma imagem de si tão adequada e acabada quanto possível, reveladora de uma identidade na qual se lê toda uma ideologia.<sup>1</sup>

É preciso acrescentar que o corpo a que se refere o trecho pode ser, aqui, considerado como sendo o do poeta, o do leitor ou o do crítico. Não se pode esquecer que o caráter de corporalidade é uma das marcas características da "genealogia biográfica" e, porque não, autobiográfica de Fernando Pessoa, alegorizada na heteronímia, por exemplo. Além disso, devo salientar também a questão da escolha das leituras que fazemos - leitura, aqui, tomada em sentido amplo - e a assimilação de tudo que vamos escrevendo acerca, por exemplo, de Fernando Pessoa, no decorrer de nossa carreira de leitores críticos da poesia pessoana. Sem querer entrar no mérito de nenhuma dessas questões, pelo menos por enquanto, gostaria de contar para vocês uma pequena história.

Quando me graduava em Letras, durante a realização das primeiras atividades do estágio supervisionado, acompanhei o trabalho de uma professora de Língua Portuguesa, a corrigir as redações de seus

---

alunos de primeiro grau. Num dado momento ela se depara com uma redação mais ou menos assim: "fui passear com meus primos, na fazenda de um amigo de meu pai. O dia estava ensolarado e o céu estava azul, azul, azul. Todos estávamos muito satisfeitos e felizes, o carro em que estávamos era muito confortável. A viagem não demorou muito. Num determinado ponto da viagem, entramos numa estrada de terra, que acabava na fazenda. A estrada atravessava uma floresta que era verde, verde, verde, do mesmo jeito que era verde, verde, verde a montanha onde ficava a fazenda. A casa era branca, branca, branca..." E assim o aluno continuava descrevendo tudo o que ia percebendo pelo caminho. Ao corrigir a redação, a professora cortou todas repetições dos adjetivos com o argumento de que estava errado repetir um adjetivo. Ela se esqueceu de que a intensidade verbal pode ser expressa numa descrição em que os adjetivos são repetidos. Ela cometeu, possivelmente, um grande equívoco ao, metaforicamente, assassinar, talvez, um poeta nascente. Picuinhas à parte, o que desejo ressaltar aqui é o papel decisivo desempenhado pelo leitor no momento da determinação do sentido de um verso, de uma passagem de romance, de um conto. Que direito é esse que o crítico se arroga para dizer que o poeta disse isso ou aquilo, dessa ou daquela forma? Que conformismo estranho o nosso de aceitar as posições alheias, na medida em que conseguimos interpor a nossa própria? Parece-me que esses pontos não são tão fáceis e superficiais assim. Não se trata aqui de fazer a prova da cobra, ou bancar o advogado do diabo. Em outras palavras, uma das questões que a leitura de Fernando Pessoa me apresenta é a da necessidade de uma crítica da crítica que se faz, inclusive, à sua obra. Nesse sentido, concordo com E.M. Melo e Castro, quando diz que

Questionar a crítica, nos seus fundamentos e nas suas práticas, tem sido, nos tempos recentes, a mais coerente maneira de fazer crítica. Numerosos são os autores e as obras em que preocupações deste teor refletem com maior ou menor nitidez e objetividade. Daí a acusação freqüente, por parte dos leitores, de que a crítica só serve para os críticos e que eles, leitores, ficam entregues a si próprios na tarefa 'ádua de "decifrar" as obras de poesia (...) que a crítica e os críticos deveriam supostamente iluminar, esclarecer ou interpretar (...). Tal atitude é, a nossos olhos, totalmente ineficaz, primeiro porque nada explica verdadeiramente nada (ou nenhum texto

---

pode explicar ou justificar outro texto), segundo porque tal atitude é um atestado de menoridade que recai sobre quem lê. De fato, o que há é pessoas que são capazes de ler e essas não necessitam de explicações, porque encontram as suas próprias leituras e pessoas que não são capazes de ler e, para essas, nunca haverá explicações que sejam suficientes.<sup>2</sup>

A discussão dos parâmetros do exercício crítico já é, por si só, uma aventura que requer amadurecimento, sensibilidade, humildade e, paixão, acima de tudo. No caso específico de Fernando Pessoa, esses traços ficam superestimados, entre outras coisas, por força da contraposição constitutiva da heteronímia. Esse complexificador está implicitamente contemplado nas palavras de Melo e Castro e, no trecho citado, exemplificam, de certa maneira, o cuidado extremo que deve ser tomado na leitura da poesia de Fernando Pessoa. Cuidado que, evidentemente, não vai nos levar a encontrar uma "verdade" originária para os sentidos da frase pessoana.

Querendo dar continuidade à minha reflexão, é necessário repetir que a situação que aqui se coloca, como as dela oriundas, são complexas em se tratando da poesia em geral. Quando se toma como ponto de referência a poesia de Fernando Pessoa, essa complexidade é elevada à enésima potência. A questão da heteronímia, ao mesmo tempo que ergue uma muralha de dificuldades e criptográficas armadilhas, abre espaço para o já aludido poder do leitor-crítico. Quanto a isso, é preciso considerar que a poesia heteronímica de Fernando Pessoa apresenta para o leitor um sujeito fragmentado, dilacerado mesmo, em mil outros sujeitos, dando prosseguimento a um processo que só é concluído com a constituição de um "não-sujeito".

Os heterônimos de Fernando Pessoa e o próprio poeta, ortônimo, são um prato cheio para muitas das possibilidades críticas que temos a nosso dispor. Será que uma dessas possibilidades não é aquela que, através do texto de Fernando Pessoa, nos relata a experiência da cisão vivida em todos os campos nos quais a existência humana se manifesta? Sendo assim, resta ainda uma dúvida: em nenhum dos possíveis sujeitos, nascidos da fragmentação heteronímica e fortificados pela infinidade de sujeitos-leitores, é possível estabelecer limites para fechar um campo de intersecção comum. No entanto, é nessas interseções múltiplas que se

---

constata a perenidade da suspeita de que o problema que se coloca não existia. Em outras palavras, esse problema é uma "invenção" de alguém que surgia e se volatilizava como uma pirueta verbal. Esse alguém, então, passa a ser considerado ninguém. Nesse sentido são sintomáticos os primeiros versos de *Tabacaria*:

Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.  
Janelas do meu quarto,  
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém  
sabe [quem é  
(E se soubessem quem é, o que saberiam?)

Das referidas "armadilhas", escolhi, por uma questão de afinidade, a leitura da poesia como um discurso que acaba por explicitar algo que costuma nomear de identidade cultural. Não vou me ater à questão do nacionalismo ou não de Pessoa, nem tão pouco, quero negar essa possibilidade. Minha honestidade intelectual me impede de dizer "qualquer coisa", exigindo que eu diga o que sou capaz de dizer sobre o poeta português. Essa minha capacidade me coloca uma primeira pergunta: quem é Fernando Pessoa? Saber isso, de antemão, resolveria imaginariamente o problema da heteronímia. Não estou deixando de levar em consideração o fato de que o desejo constrói inumeráveis labirintos para que o sujeito acredite no que elege como objeto de sua própria representação.

Em outras palavras, a equação heteronímica não aceita soluções fáceis pois, em certo sentido, ao tratar dela, deve-se levar em consideração a possibilidade de aceitar como fato que os heterônimos são, em certa medida, máscaras usadas pelo sujeito poético. Assim, as máscaras são absolutamente intercambiáveis e o seu relacionamento com os rostos que vêm a cobrir é impossível, não há aderência completa, mas superposição. A dinâmica das máscaras, na ausência de um rosto único e definitivo impede que se construa um caminho retilíneo para uma desejada unidade do sujeito que porta a máscara, ou as máscaras - o que é mais apropriado no caso da poética de Fernando

---

Pessoa. Tenho que ressaltar, mais uma vez, as palavras de Melo e Castro, quando diz:

A máscara como identidade múltipla e indistintiva. De máscaras sabia Fernando Pessoa muito; isso se lê nos seus textos. Mas preferia dar-lhes nomes, homem de palavra que era: poeta. Dando nome às máscaras, dava nomes às vozes e dava vozes aos nomes. As máscaras falavam e, por isso, existiam. Eram vozes centrífugas e dialogais. No diálogo ganhavam consistência, afastando-se cada vez mais da voz centrípeta e monológica do poeta lírico, de voz virada para dentro, fruto de uma longínqua tradição de canto e de escrita do eu.<sup>3</sup>

Essa citação é por demais clara para a ela se apor qualquer comentário, mas é imperioso que se diga que esse jogo de superposições e desvelamentos se desenvolve num movimento circular, numa ronda de máscaras. Essa perspectiva, possuidora de uma dinâmica própria - e aí está o nó do desejo do leitor, dominar a dinâmica para desfazer a dubiedade do jogo - não apresenta saída, o labirinto criado não possui seu próprio fio de Ariadne, não há saída para a identificação.

A minha pergunta inicial parece pertinente, uma vez que acredito piamente no fato de que ao fazer essa pergunta em relação ao poeta, faço-a em relação a mim mesmo. Não estamos tratando de identidades aqui? Nesse sentido,

Convenho em que o eu do crítico não deva ser tão exibido que se tropece nele a cada passo; mas também não me parece honesto que ele se apresente como a voz neutra do discurso competente, fingindo que suas escolhas e interpretações não são subjetivas, apresentando-as como autorizadas por um saber impessoal, isto é, absoluto. Além do mais, uma obra que tem por tema central a questão da identidade, convida o crítico a questionar a sua.<sup>4</sup>

Ao tomar como referências essa posição "crítica" em relação ao posicionamento do crítico diante do texto, acredito que podemos considerar, de comum acordo, a dificuldade que nos é apresentada quando nos deparamos com a poesia de Fernando Pessoa. Ainda uma

---

observação: a poesia de Fernando Pessoa, sem desmerecer seu consistente perfil "metafísico", tão explorado pela crítica, apresenta uma outra faceta, talvez não tão explorada assim - ainda que eu me tenha enganado e esteja falando uma bobagem. Corro o risco. Trata-se de um retrato do cotidiano.

A engenhosidade poética da linguagem pessoana trai essa fecunda faceta de sua obra, ainda que eivada de toda uma simbologia que dá margem às mais diversas leituras. Simbologia essa que remete a uma questão tão importante quanto a da estética: a questão histórica. Mais adiante retomo essa questão, ainda que de maneira um tanto superficial. O espaço, aqui, é limitado, justamente limitado. No entanto, não posso deixar de registrar essa minha convicção, que se apoia na seguinte idéia: o poeta é o sujeito capaz, por um método qualquer, de trazer à tona, de tornar aparente, o éter, o diáfano, o miasmático que há em tudo, de que tudo está contaminado. O poeta deve sempre poder diagnosticar um estado de poesia, um sintoma desse éter raro e onipresente. O poeta detecta o sintoma e a seguir procede como quem desobstrui uma passagem, como quem limpa um terreno, particularizando no tumulto cotidiano aquela determinada cena, diálogo, troca de olhares, instante fugidio que o poema tenta fixar e reter. O poeta ajuda o poema a nascer, é o seu parteiro. O leitor é transformado em detetive: formula hipóteses, levanta possibilidades, estabelece associações, investiga indícios. Mais uma vez, recorro aos versos de *Tabacaria*:

(Come chocolates, pequena:  
Come chocolates!  
Olha que não há metafísica no mundo senão chocolates,  
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a  
confeitaria.  
Come, pequena suja, come!  
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com  
que [comes!  
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de fôlha de  
[estanho,  
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Os versos acima ratificam as afirmações anteriores. A cena da menina comendo chocolates remete a um cotidiano corriqueiro.

---

Colocada no conjunto de elucubrações do poeta, já assinalam com elementos representacionais caros e necessários para o sujeito que no texto se exhibe. Quando se considera que, nesse caso, o sujeito poético é um dos heterônimos de Fernando Pessoa, as possibilidades de leitura - respeitados os parâmetros colocados - se multiplicam. O exemplo, então, ilustra a complexidade de que é revestida qualquer afirmativa cabal, daí a necessidade de todo cuidado e mais um pouco.

\*\*\*\*\*

Num texto inédito datado de 1914, recolhido por Arnaldo Saraiva<sup>5</sup>, Fernando Pessoa diz o seguinte:

Cada um de nós, na sua vida realizada e humana, não é senão a caricatura da sua própria alma. Somos sempre menos do que somos. Somos sempre a tradução para grotesco daquilo que quisemos ser, e que, por isso, intimamente e verdadeiramente somos.

A nossa vida é a nossa deselegância, o Bobo eterno que acompanha, e por vezes diverte, a nossa íntima e divina Realeza. Cada face, cada atitude, reparando bem nela, é uma caricatura - a caricatura daquilo mesmo que exprime. Saber forçar cada rosto ou cada gesto a trair o seu íntimo carácter de caricatural - eis o dever litúrgico de quem faz da sua observação cinzel para, no barro sangrento do que é, esculpir o que nunca foi.

Algumas das idéias expressas por Fernando Pessoa poderiam, a partir desse fragmento, orientar a leitura de sua própria obra e a de seus heterônimos. É inquestionável o carácter "metafísico" de suas observações, o que é coerente com todo o "tom" da poesia pessoana. No entanto, por mais intensificadora que seja essa observação, no que se refere ao jogo de máscaras já comentado e à dificuldade de se homogeneizar a leitura crítica das diversificadas produções poéticas pessoanas, gostaria de chamar a atenção para um detalhe aparentemente sem importância.

Ao referir-se à caricatura, considero que as palavras de Pessoa podem sustentar uma idéia minha: a de que, na verdade, há de se fazer uma leitura outra da obra do poeta, procurando não mais decifrar os enigmas propostos, ou ainda, traduzir os criptográficos discursos de

---

identificação multifacetada - algo que poderia beirar o tênue limite de uma estilística passível de total desvalorização. Para respeitar a demanda de meu exercício acadêmico-crítico, em particular, refiro-me a uma tentativa de buscar o esboço de uma linha de construção de uma identidade cultural, através dos traços, dos rastros e indicações deixados pela poesia pessoana. Em outras palavras, tomar a poesia de Fernando Pessoa seria o primeiro passo a exigir outros mais que não prescindem dessa mesma poesia, mas que a ultrapassam para atingir outras culminâncias no exercício crítico da leitura de uma poesia, qualquer que seja sua nacionalidade.

É nessa direção que procuro reler a poesia de Fernando Pessoa. A questão de uma proposta de discussão acerca dos traços nacionalistas do discurso poético articulado pelo poeta português já me parece suficiente e corretamente articulada. A questão de uma mensagem messiânica e mística, no que se refere à passagem dos sistemas de governo que, por fim, refletem e reconstróem percursos de constituição de uma identidade nacional, seguem pelo mesmo caminho. No entanto, há outras coisas por descobrir e, no meu modo de entender, os procedimentos comparativistas podem colaborar nesse sentido.

Não vou desenvolver uma tese teórica sobre o assunto, mas não posso deixar escapar a oportunidade de argumentar a favor dessa possibilidade, uma vez que é o que tenho tentado fazer, não apenas com a poesia de Fernando Pessoa, é claro. Nesse sentido, uma vez que estou tentando apresentar pontos de discussão acerca da multiplicidade de sujeitos que compõem a rede de significações que dão consistência à crítica que lê a obra de Fernando Pessoa, parece-me pertinente ressaltar as palavras de Eneida Maria de Souza quando diz que:

O sujeito volta, mas de modo diferente, ainda distanciado e atuando maquinalmente no discurso, produzido e alimentado por vários sujeitos. A inter-subjetividade passa a ter coloração mais forte e as interpretações seguem ainda a abertura infinita dos vários discursos que se encontram.

A concepção desse sujeito como ator irá propiciar a caracterização da *identidade cultural* (...). Torna-se difícil, portanto, pensar em identidade como categoria estanque, ao se reconhecer que o indivíduo está cindido e fragmentado pela marca desse outro que o habita. Portanto, discutir ou falar sobre identidade já é por si só uma impossibilidade.<sup>6</sup>

---

Resta saber, de fato, o que é essa identidade cultural. De imediato, é preciso que se diga que não há como formar um conceito fechado e inflexível desse conceito. No entanto, pensar a identidade cultural é pensar a identidade não circunscrita a uma territorialidade geográfica, política, histórica e/ou apenas lingüística. Para fazer uso de uma linguagem simplista, é um pouco de tudo isso mas não é um desses aspectos somente. A identidade cultural leva em consideração, salvo engano de minha parte, todo e qualquer elemento que possa contribuir para estabelecer as linhas-limite da alteridade, como parâmetro para pensar uma diferença, mas não uma diferença excludente, senão constitutiva e articuladora. Em outras palavras, para pensar a identidade cultural é necessário, antes de mais, deixar de pesar em diferenças nacionais e ou estilísticas, por exemplo.

Nesse sentido, a poesia de Fernando Pessoa torna-se porta-voz de uma universalidade, apesar de ser Português e, por outro lado, não reafirma sua lusitanidade por essa mesma diferença. A multiplicidade de vozes que sua poesia engendra e sustenta acaba por corroborar a tese da dificuldade, senão da impossibilidade de identificar esse sujeito que constrói uma identidade nos versos que cria, pois um poeta deve ser vários poetas, nenhum deles sendo a personalidade que se suporta sentindo e transmitindo os seus sentimentos a seus leitores. Esse poeta, como os demais, tenta criar textos através dos quais o autor, como o elemento de todos os dias, desaparece. Essa é a grande lição de Fernando Pessoa.

A partir da lição legada pelo poeta e levando em consideração o que se disse até agora, não vejo como me contentar em apenas comentar ou estender a leitura da poesia de Pessoa, por ela mesma. Meu desejo, megalomaniaco, é o de tentar abrir caminhos para pensar a identidade cultural lusitana que se desenha por detrás da poesia pessoana e de sua fortuna crítica. Em meu auxílio, recorro às palavras de Eduardo Lourenço, quando afirma:

De Portugal enquanto realidade presente não espera Pessoa nada. Do Portugal como nauta de si mesmo, como história profecia de que *Mensagem* interroga os anúncios e signos sucessivos, tudo. Sem Poder e sem Renome, como no seu texto se proclama, Portugal não pode ser outra coisa senão teatro de

---

uma epopeia da alma de uma "ulisseia" espiritual, invenção de um Ocidente futuro para o qual Portugal-esfinge parece olhar, de costas voltadas a uma Europa há muito entregue aos demónios da vontade de poderio.<sup>7</sup>

As palavras do crítico reforçam meu intuito de desvincular a leitura da poesia de Fernando Pessoa de um contexto apenas historiográfico. Nada impede de pensar que o desejo do poeta de se imiscuir na multiplicidade do "português" pode ser lido como um significante do desejo de reviver o poder "lusitanizo", herança camoniana que paira qual eminência parda sobre a História portuguesa e, por via de consequência, marca a produção literária da nação portuguesa. O mito do povo escolhido, da raça grandiosa é uma sombra a acompanhar o desenrolar da própria cultura lusitânica, influenciando no processo de constituição de sua própria identidade cultural.

De qualquer maneira, para não deixar de prestar uma homenagem à crítica da poesia pessoana, no que ela tem de mais sedimentado e, por isso mesmo, merece sempre alguma atenção, as idas e vindas desse agrupamento de questões leva em consideração a hipótese de que é possível considerar a poesia de Fernando Pessoa - guardadas as devidas proporções, relativas aos paradoxais heterônimos - como uma revistarão da epopéia camoniana, à luz da modernidade. Talvez aí resida um falso argumento a favor da circunscrição da crítica à questão da nacionalidade, descortinada sem pudores pela poesia pessoana. Esse é mais um ponto de ancoragem para essa minha proposta de discussão, principalmente porque se pode considerar que

(...) estamos dialogando com uma inteligência voltada ao paradoxo, e que lidamos com um de seus paradoxos mais complexos(...). Pessoa era, tencionava ser, e acabou sendo, como se sabe, um criador de mitos. Confessou-o numa passagem cristalina, paradigmática de sua estrutura mental e de seus altos desígnios, em que mais uma vez se revela a sua certeza recôndita de predestinado:  
"Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade."<sup>8</sup>

Como explicita o trecho citado, o paradoxo é um dos parâmetros de leitura da obra poética de Fernando Pessoa. Particularmente no caso

---

de *Mensagem*, esse paradoxo se revela um operador de leitura, uma vez que os "mitos" criados pela poesia pessoana remetem diretamente à mitologia-mãe da cultura portuguesa, expressa por sua literatura, que é forjada pela epopéia camoniana. Ainda que subvertendo certas ordens e colocando em dúvida, pela via do ceticismo e de um certo "existencialismo", Pessoa, em sua obra paradigmática, acaba por deixar aberto o flanco das discussões que buscam elucidar os caminhos da constituição da identidade nacional da qual a literatura portuguesa se fez, sempre, a porta-voz.

Paralelamente, pela força dos próprios paradoxos que operacionalizam essa leitura, tenho a convicção de que é possível pensar o percurso da identidade cultural lusitana que *Mensagem* também explicita e desnuda, principalmente quando confrontada com a produção poética dos heterônimos, todos igualmente portugueses, igualmente paradoxais e, por que não, igualmente pessoanos. É nessa brecha que me coloco com uma pequena lamparina crítica, tentando iluminar meus primeiros passos.

\*\*\*\*\*

Acredito que uma certa confusão pode ter resultado de todas as colocações que fiz. Não sou presunçoso o suficiente para afirmar que toda ela foi produzida de caso pensado. No entanto, não posso deixar de acreditar que, para os meus objetivos pessoais - ainda que eu não os tenha evidenciado explicitamente aqui - as idas e vindas do raciocínio e sua confusão, possível e, até, provável, fazem parte do exercício de um desejo: desvendar obscuridades que a minha própria leitura encontra quando se depara com o universo de leituras outras que sobre o mesmo objeto se debruçam. A linguagem tem dessas coisas: quando quer dizer tudo, acaba por perder-se num emaranhado de nada que apontam para possibilidades. Para que paradoxo maior? Assim é que, sem falsa modéstia, faço também eu, do paradoxo, a minha chave de abertura de uma caixa de Pandora: prazer e tormento do homem.

---

Para finalizar, gostaria de prestar uma homenagem a Fernando Pessoa. Homenagem singela, porque restrita a uma citação que é a seguinte:

Sendo nós portugueses, convém saber o que é que somos.  
a) Adaptabilidade, que no mental dá a instabilidade, e portanto a diversificação do indivíduo dentro de si mesmo. O bom português é várias pessoas.  
b) A predominância da emoção sobre a paixão. Somos ternos e pouco intensos, ao contrário espanhóis - nossos absolutos contrários - que são apaixonados e frios.  
Nunca me sinto tão portuguesamente eu como quando me sinto diferente de mim - Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Fernando Pessoa, e quantos mais haja havidos ou por haver.<sup>9</sup>

As palavras do poeta, a meu ver, podem ser tomadas em relação a mim mesmo, a nós aqui reunidos, aos poetas e escritores brasileiros. Aliás, o fato de haver uma referência direta ao povo português e ao povo espanhol já é um sintoma de algo transnacional que paira sobre a leitura da poesia pessoana. Esse "aviso" paradoxalmente colocado ao fim de um texto que tenta ler outros textos, é porta-voz de uma condição essencial para a leitura da poesia de Fernando Pessoa: o cosmopolitismo. É preciso, no entanto, entender esse cosmopolitismo como a expressão pessoana de uma universalidade de pensamento, de sentimento, de identificação. Ao reencarnar os mitos camonianos e re-encetá-los num país política e socialmente conturbado como Portugal no início do século, Fernando Pessoa acena com a possibilidade de uma leitura não nacionalizada de sua poesia: outro paradoxo. Essa indicação é plausível, no momento em que temos como sustentação uma visão universalista dos problemas do sujeito diante da realidade circundante. Lembremos, ainda uma vez, os versos de *Autopsicografia*:

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.  
E os que lêem o que escreve  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

---

Ainda que eu não proceda a uma hermenêutica do fingir pessoano, não é possível deixar de ler esses versos como um jogo de espelhos que coloca em cena uma "con-fusão" de sujeitos que se intercambiam no jogo poético das palavras organizadas para viabilizar paradoxos. Como é possível alguém sentir uma dor que ele acredita existir, sabendo que ele a está sentido? À parte a possível ingenuidade da pergunta, resta a certeza de que um enigma, mais que um sofisma, está colocado para entrincheirar o crítico diante de um muro de dúvidas, de possibilidades de atalhos absolutamente intrincados. A questão do fingimento é atemporal, não se vincula a nenhuma época em particular e, nesse sentido, pode ser pensada enquanto um articulador da poesia de Pessoa. A modernidade tem o seu sujeito - no sentido ambíguo do termo - e essa é outra ambigüidade que a pátria-língua do poeta traduz. Pessoa e sua poesia encarnam esse sujeito, inclusive com a heteronímia, uma forma singular de pensar poeticamente a alteridade. Essa é uma das muitas "fantasias" que a poesia pode construir uma vez que o homem moderno, para quem os valores morais e estéticos do passado são confrontados com a mediocridade e a brutalidade da vida cotidiana, assiste ao esgarçar dessas fantasias, diáfanas e transparentes, deixando entrever as ruínas do passado.

A consciência desse esgarçamento se manifesta por que é o poeta quem mais sente sua desqualificação, sua falta de função e de lugar, o seu não-ser. A falta de lugar é uma privação que atinge em cheio o poeta, e ele finge que sente as conseqüências disso, experimentando essas mesmas conseqüências. É o poeta quem mais rápida e automaticamente percebe essa privação, porque o exercício da lucidez e a afirmação de valores autênticos era o que, historicamente, justificava o seu próprio fazer, razão de sua existência, motivo de seu "fingimento".

Fernando Pessoa é mais que um exemplo dessa situação. Ele é mais um desses sujeitos que se colocam como inexistentes, tão fantasmagóricos que acabam por se sentirem produtos de uma ficção absoluta, daí talvez a sede da heteronímia, como caminho possível para o desvendar de uma verdade.

Na modernidade, campo de abrangência de uma série de questões, tais como a identidade cultural e a absoluta fragmentação do

---

sujeito, o poeta é tido como alguém "inexistente", e assim a poesia seria uma tentativa de localizar um fio de meada que reconduzisse o sujeito poético a um lugar que já foi seu. Na medida em que faz isso, esse sujeito se constitui como aquele que empreendeu um contorno de si mesmo, pelo atalho da linguagem - e aqui, particularmente - da linguagem poética. A experiência da busca de um eterno retorno coloca outra impossibilidade: ao tentar reocupar seu lugar, voltar para casa, a fim de desfazer o fingimento, o sujeito poético encontra o vazio, o lugar onde, em princípio, alguém deveria estar: o sujeito perdeu-se.

Minhas palavras finais se voltam para a proposta implícita no título dessa comunicação: pensar a poesia de Fernando Pessoa enquanto resultado de uma luta particular de um sujeito que se quer outro, múltiplo e integrado e que, para isso, recorre a uma auto-fragmentação, daí todos os paradoxos constitutivos dessa busca poeticamente identitária. Os sujeitos são muitos, múltiplos: autores, heterônimos, críticos, leitores, mas a questão é uma só. Fernando Pessoa é o nome dessa questão, nome e motivação, causa e consequência, num jogo especular de contradições e certezas que se confundem num peculiar "fingimento". Inverto a ordem das coisas e coloco no fim o poema que poderia ser tomado como epígrafe, mesmo que às avessas, já que todas essas especulações podem ter causado uma certa "tontura". Talvez essa atitude possa colaborar com minha tentativa de estabelecer uma circularidade:

Conta a lenda que dormia  
Uma Princesa encantada  
A quem só despertaria  
Um Infante, que viria  
De além do muro da estrada

Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,

Antes que, já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera.  
Sonha em morte a sua vida,  
E orna-lhe a fronte esquecida,

---

Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,  
Sem saber que intuito tem,  
Rompe o caminho fadado.  
Ele dela é ignorado.  
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino -  
Ela dormindo encantada,  
Ele buscando-a sem tino  
Pelo processo divino  
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro  
Tudo pela estrada fora,  
E falso, ele vem seguro,  
E, vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora.

E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra a hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.

Termino com um poema, com algo que deveria dar início a essa comunicação. Está fechada uma circularidade, aquela que vai e volta cercando e desenhando o sujeito que escreve, aqui e/ou em Portugal. Se trata de perscrutar a letra pessoana, nada melhor que essa imagem do círculo: cobra mordendo o próprio rabo, na busca incessante e insatisfeita de si mesmo. Minha leitura de Fernando Pessoa não se aquieta sobre seus poemas, mas busca rastrear linhas que esbocem novos caminhos. A questão da identidade cultural pode ser tomada, então como eufemismo que encobre uma falência constitutiva. Os poemas de Fernando Pessoa constroem essa "verdade" que não se diz, que a crítica não pode dizer, porque embarca na maré das subjetividades que se estruturam enquanto heteronímia. A História de Portugal deve muito à Pessoa, na medida em que ele relê seus grandes mitos e o lugar comum dessa afirmação nos projeta para outros lugares, possíveis leituras, alteridades poéticas que a heteronímia inaugura. Assim, esse evento, a

---

heteronímia, identifica também a crítica que se desenvolve acerca e a partir da poesia de Fernando Pessoa.

Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Fernando Pessoa - ortônimo, Álvaro de Campos, Bernardo Soares e Vicente Guedes - esses dois responsáveis pela absoluta instalação de um desassossego outro, muito particular - todos eles são nomeações de uma mesma instância: o sujeito. Nós, pretensos críticos de Fernando Pessoa, figuramos nessa lista, ocultos por nossa própria sede de saber, por nossa paixão pela poesia e por Fernando Pessoa, paixão que consome, confunde, queima, como de hábito, toda a paixão.

É assim, então que concluo minha aventura, solitária e paradoxalmente coletiva, porque me coloco nessa galeria de sujeitos que vão tateando na mesma trilha em busca de mim mesmo, em busca daquilo que o outro de mim não revela, ou revela com tal ofuscação que acaba por cegar-me. A poesia de Fernando Pessoa está aí, eis a questão, nós sujeitos e sujeitos não podemos negá-la.

---

## BIBLIOGRAFIA

- BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitri. São Paulo: Cultrix, 1983.
- DIAS, Magno Machado. *Estética da psicanálise. Introdução. Seminário 89*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. 3 ed. Lisboa: Edições Dom Quixote, 1988.
- MC DOUGALL, Joyce. *Théâtres du Je*. Paris: Gallimard, 1982.
- MAHONY, Patrick. *Psicanálise e discurso*. Tradução de Raul Finker et al. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- MARINO, Adrian. *Comparatisme et théorie de la littérature*. Paris: PUF, 1988.
- MELO E SOUZA, E.M. *O fim visual do século XX e outros textos críticos*. São Paulo: Ed.USP, 1993.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*. São Paulo: Ed.USP; Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1992.
- MOISÉS, Massaud. *Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa aquém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Obras poéticas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1969.
- SARAIVA, António José & LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. 16 ed. corr. e atual. Porto: Porto Editora, s/d.
- SARAIVA, Arnaldo. *O Modernismo brasileiro e o Modernismo português*. Porto: s/e, 1986, 3 vols.
- SOUZA, Eneida Maria de. Sujeito e identidade cultural. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Niterói: ABRALIC, 1991, vol.1. p.34-40.
-

---

---

## NOTAS

- <sup>1</sup> MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*. 1992, p.28.
- <sup>2</sup> MELO E CASTRO, E.M. *O fim visual do século XX*. 1993, p.175.
- <sup>3</sup> Idem, *ibidem*, p.209.
- <sup>4</sup> PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro*. p.3.
- <sup>5</sup> SARAIVA, Arnaldo. *O modernismo brasileiro e o Modernismo português*. 1986, p.17.
- <sup>6</sup> SOUZA, Eneida Maria de. Sujeito e Identidade Cultural. In: *Revista de Literatura Comparada*. vol.1, 91, p.39
- <sup>7</sup> LOURENÇO, Eduardo. *Labirinto da saudade*. 1988, p.115.
- <sup>8</sup> MOISÉS, Massaud. *Fernando Pessoa: o espelho e a estíngie*. s/d, p.185.
- <sup>9</sup> PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*. 1976, p.81.